

A TRIBUNA

JORNAL DEDICADO AOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA

Assignatura mensal 1/000

Num. avulso 250 reis.

TYPOGRAPHIA E REDACÇÃO—RUA DOUS DE DEZEMBRO N...

ANNO III.

CUYABA' 1.º DE DEZEMBRO DE 1887.

N. 108

RESENHA DA SEMANA

Vaccina.—Foram vaccinadas particularmente, nesta capital e freguesia de Pedro II, do dia 7 a 27 do corrente, segundo os dados que obtivemos, 186 creanças de ambos os sexos.

A' S. Ex.ª o Sr. Presidente da provincia.—Pedimos á s. exc. o snr. coronel presidente da provincia, para que se digne mandar proceder um exame na Thesouraria Provincial, em a escripturação das lenhas fornecidas á hydraulica nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março, ocasião em que metade da população desta capital havia internado para a serra acima e outros logares, aterrada pela approximação do cholera.

Americana.—Os Srs. Firmo & Ponce, proprietários da importante casa commercial á Travessa do Palacio, nesta capital, offerecerão-nos uma garrafa do excellente licor denominado—AMERICANA—novo producto da industria nacional e fabricado pelos srs. Faria, Braga & C.ª na Corte.

Bebida agradável, e composta como dizem os fabricantes de laranja amarga, agrião e outros vegetaes que a tornão estomacal, é digna

portanto a AMERICANA dos amadores e d'aquelles que desejão ter um licor delicioso para regalo de seus hospedes.

Reconhecidos pela delicadeza da offerta, confessamos penhorados aos srs. Firmo & Ponce.

Por achar-se soffrendo em sua saúde, mudara S. Ex. o Sar. Presidente da Provincia a sua residencia do Palacio para o Seminario Episcopal.

Desejamos que S. Ex.ª encontre ali prompta melhora aos seus encommodos, afim de impulsionar os negocios provinciaes sob a sua promettedora administração.

Cidade do Rio.—Apareceu na Corte, sob a redacção do intrepido democrata e abolicionista José Carlos do Patrocinio, um novo campeão na arena jornalística que se denomina *Cidade do Rio*.

O seu programma é continuar, pois que o seu illustrado redactor e proprietario sustenta os mesmos principios que advogara quando esteve a testa da *Gazeta da Tarde*, de cuja firma social e direcção se retirou.

Fazemos votos para que a existencia da *Cidade do Rio* seja duradoura, pois que assim sendo, muito lucrará a democracia e a causa sagrada dos miéres escravos no nosso paiz.

Providencia necessaria
—Consta nos qz s. exc. o snr. dr. presidente da provincia baixára uma Portaria á thesouraria provincial recom-mendando-a para que o pagamento dos vencimentos dos professores publicos e o soldo dos officiaes e praças da companhia policial sejam pagos mensalmente de preferencia a quaesquer outras despesas provinciaes.

A ser exicta esta providencia, louvamos a s. exc. pelo acerto della. por isso que esses servidores da provincia são os que mais necessitão ser pagos em dia, attento a importancia de seus serviços. assaz espinhosos e dignos de prompta remuneração.

LITTERATURA

Porque, divino Mestre
Com teu poder celeste
Ao homem que cegara
De novo ver fizeste ?
Que lhe mostrava a terra
Que a vista merecesse ?
Maldades e perúdias
De sordido interesse !
Tua doutrina, cêgo,
Ouvia e meditava:
Sem cogitar no mundo
Ao céu se remontava—
Um cêgo, umas creanças
Lhe davão assistencia :
O cêgo,—futilidade;
Creanças,—innocencia !

Do humana piedade
Teu acto foi, Senhor !
Murcha na cegueira
Fera do um Deus favor !

F. Octaviano.

VARIEDADE.

A MULHER.

Quando achou se Adão triste no Paraizo, onde parecia nada lhe faltar, elle que não tinha nenhuma noção de ente humano e nenhum outro conhecia sião a si proprio e que nem podia pensar que Deos pudesse fazer um outro semelhante, e podia ao Criador um companheiro, era porque o mesmo Criador implantára no seu coração uma noção de sociedade, e que esta não podia existir sem homens.

Pedio o homem de barro um companheiro e deu-lhe o Pai Creador um companheira, que Adão denominou-a—Eva—que significava—mãe de todos os viventes.

Já teria Adão, noção de que teria muitos descendentes e saberia já que Eva era a creatura apropriada para a procreação do genero humano? São as noções primeiras de sociedade que passou do sopro de Deos á creatura de barro.

E porque deu-lhe Deos uma companheira em vez de companheiro como pediu? E' porque sabia perfeitamente o que elle queria, o que a elle convinhão, attenta suas necessidades da vida, posto que mal expressado.

E a presciencia Divina não podia dar ao mundo motor mais forte, mais vigoroso estímulo, melhor companheira para o homem, que sem ella, para quem trabalharia elle? Nem mesmo existisse como Adão, (que não vem de nenhuma mulher, que prazer teria no trabalho se não tivesse que sustentar as vaidades de uma mulher querida, com companheira dos infortúnios deste mundo, quem disfrutasse o seu trabalho?

E' a mulher que nos dá o amor ao trabalho; é ella que enchugamos as lágrimas em dia de tristeza, é ella que, como uma Magdalena nos ajuda a chegar com a cruz ao Calvario; é ella quem nos dá as louras criancinhas, puras e innocentinhas; é ella em fim, o mel que adoça o fêl da existência terrena.

Vês uma casa triste, quieta,

de máo aspecto? não tem mulher, e parece-se a um jardim sem flores ou a flôr sem aroma.

E' ella a alegria, a perfeição, o arranjo, a graga, o aroma em fim que embalsama o lar domestico. Lá, vê-se as criancinhas, são por ella vestidas e alimentadas e a cada momento se as ouve fallar na—mamãe.

E' ella quem imprime na fronte de suas filhas o pudor, a honestidade, o brio e o temor de Deos. E' quem forma a sociedade e quem a ella supprime com o fructo de suas entranhas e com os trabalhos de suas dores.

Vês ella n'uma casa? é a rainha, que de tudo dispõe, mas uma rainha humilde e prudente que attende com desqura as vozes daquella que Deos deu-lhe por companheiro. Se este é aspero e grosseiro, ella com sua brandura da-lhe lições de delicadesa e mansidão.

E' este o ente de bondade, este cordeiro de mansidão, a quem os barbaros desprezavam compravam e vendiam como o mais vil dos objectos e desprezavam-na completamente quando velhas.

Depois do mundo aclarado pelas luzes da sciencia e da verdadeira religião é que conhecerão a mulher e soberão dar-lhe o lugar que lhe competia na sociedade.

Dis a necessidade da instrucção e da religião que são as reabilitadoras da mulher, de quem nasceu o Redemptor da humanidade,—de quem nascemos, por quem vivemos e trabalhamos e assim a reabilitadora da sociedade.

Instrucção a todas as classes sociais e especialmente as mulheres e teremos no porvir, illustração e sociedade perfeitamente constituida. E' o diploma de normalista, entre nós, o mais alto título que pôde ter uma senhora, até então que prove a a sua instrucção e si disto ao menos participassem todas as nossas brasileiras?

Extr.

Se fôres bem applicada, mi-

nha filhinha, faremos uma viagem nas ferias. Que viagem pro ferias?

—Uma viagem de noivado pa-pai.

Olha, querida, dá cá a mãozinha; põe-na aqui sobre o meu coração. O que sentes?

Aí! que prazer! Sinto que a tua carteira está cheia de notas.

Ovando, coronel das forças do Entre Rios, sendo prisioneiro em uma batalha contra as forças do general Lopez, governador de Santa Fé, foi levado á presença deste em occasião que almoçava.

Lopez, que além das condições de guerra, era inimigo pessoal de Ovando, soube recebê-lo cortezmente, convidando-o a partilhar da sua mesa. Ovando accitou com essa naturalidade e franqueza como se o socorrido fosse de um amigo.

Durante o almoço, conversaram tranquillamente. No correr da convivencia, disse Lopez.

—Coronel, se eu tivesse cabido em suas mãos, como cabia agora nas minhas, o que faria reis?

—Convidava-o para almoçar, como o fez V. Ex. comigo.

—E depois?

—Mandava-o fusilar.

—Estimo muito que penses como eu: em acabando de almoçar, será fusilado.

—Se não quer demorar muito, pô-le ser já.

—Não, não; acabe de almoçar descansado (!); não tenha muita pressa.

Ovando continuou a almoçar placidamente e acabando disse:

—Julgo ser tempo.

—Agradeço-lha o não haver esperado que eu o lembrasse, respondeu Lopez, chamando seu camarada:

—O piquete está prompto?

—Sim, meu general.

Lopez voltando-se para Ovando:

—Adeus, coronel...

—Adeus, não; até a vista por que não se vive muito tempo quando se fazem guerras como as nossas: e cumprimentando Lopez, sahio.

Cinco minutos depois, uma descarga annunciava que Ovan-do era cadaver.

CAMPO LIVRE

O Expectador e a catechese.

Por maior que fosse a subtilidade empregada pelo *Expectador* de 24 do corrente, para lançar no espirito publico e, especialmente no de S. Ex.^a o Sr. Dr. Presidente da Provincia a convicção de que nenhum dos dous officiaes que dirigem as colonias *Isabel* e *Theresa Christina* não possuem a aptidão e os requisitos necessarios para as commissões de que se achão encarregados, jamais conseguiria o seu fim pelo modo porque o fez.

Todos sabem, menos o autor do artigo editorial dessa folha, de que no Brazil, já não diremos unicamente nesta provincia, ainda não houve quem procurasse instruir-se na antropologia com o intuito de prestar serviços ao paiz na catechese das tribus selvagens que occupão os seus vastos desertos, alem de dous ou trez jurisconsultos, que por curiosidade ou luxo, tentarão estudal-a—sendo praticamente ou por um acaso os que alguma conversão tem conseguido.

Como pois, pretender o autor do artigo editorial de que nos occupamos, que da data em que aqui entrou a primeira turma dos indios cordados convertidos, até hoje (um anno e cinco mezes) com os multiplos affazeres, já tenham aquelles que dirigem as colonias creadas para abrigal-os, o conhecimento da lingua dos conversos e todos os requizitos da tarefa de que se occupou o apostolo S. Paulo, a tenacidade e a coragem dos antigos jesuitas?

Não será exigir que a mentalidade humana seja como uma tira de papel onde o autor do editorial alludido escreveu facilmente quantas banalidades lhe surgiu no pensamento com o

pomposo titulo—catechese—suppondo ser tão facil metamorphosarem-se os ditos directores da noite p'ra o dia em catechistas profissionais, como foi lhe facil escrever as suas sandices enxertadas da opinião de um *prático competente e illustrado* como o é certamente o escriptor em tal assumpto?

Acha o escriptor do *Expectador* ser um grave erro começar-se a catechese dos cordados pelo aldamento dos mesmos, pois que assim é afugental-os, é obrigal-os a trabalhar—tirando-os de seus uzos e costumes...

Que brilhante pensamento, que feliz idéa!

Então o que quer o articulista que se faça no intuito de domesticar-os, de amansal-os e de fazel-os conhecedores das vantagens da civilisação,—a não ser dominando-os com certo carinho e precaução, tendo-os de vista e fazendo-os permanecer em immediato contacto connosco para observarem e seguirem os nossos costumes e tratos?

Entende que deve-se deixal-os a discreção ou entregual-os si, isto é,—aos seus primitivos costumes e habitos, sem se procurar gravar-lhes no espirito os instinctos sociaes e os sentimentos e praticas dos entes civilisados e humanos?

Que catechese é essa que se fanda em tão barbaro e antisocial procedimento?

E' essa que deve ser operada pelo tempo e no decurso de mais de uma geração?

Nesse caso seria mais caridoso e menos deshumano não tel-os enconmodado, esforçando-se em chamal-os ao nosso gremio. Era mais natural deixal-os nas selvas estranhos e indifferentes a tudo, entregual-os amfiam, aos seus habitos, costumes e aliaentações, até que o decurso de mais de uma geração e em constantes correrias e assassinatos contra a gente civilisada—operasse nelles a rapida mudança, transformando-os de barbaros e selvagens em creaturas civilisadas e sociaes.

Nada mais difficil do que tentar-se advogar uma causa ou tratar-se de um assumpto, quando para isso não nos inspiramos nos interesses do bem publico, mas que só o fazemos com intenções occultas de deprimir ou de menoscabar indirectamente a quem quer que seja.

Não é de opinião o articulista do *Expectador*, que se obrigue o indio a trabalhar... deve elle viver perpetuamente ocioso, roubando para manter-se e tirando a vida de inermes lavradores, porque obrigal-os a cultivar a terra para obter um sustento de que elle não necessita (!) é um peccado contra o senso commum e desses que bradam aos céos.

Isto é sublime e só pôde ter entrada nos olhos a dentro do homem de bom senso que o escreveo e nos d'aquelle que de taes opiniões se servio em seu longo artigo sobre a catechese!

E' de parecer o autor do artigo editorial, de que o primeiro passo para se conseguir a conversão dos cordados é aprender a sua lingua.

Ora, os officiaes que estão dirigindo esse serviço não vivem disso, estão servindo temporariamente, logo, é imprudencia: é muito zelo do articulista do *Expectador* em querer que elles se instruaem na dita lingua, máxime havendo tantos aventureiros e vadios que os intrigão e que bem podião aprandel-a nos longos tempos da ociosidade e apoderarem-se de um dia p'ra outro da direcção da catechese.

Da data da fundação do christianismo até nossos dias, quasi 19 seculos, ainda não puderam, apesar dos empenhos dos grandes pensadores, do apostolo S. Paulo e dos jesuitas, converter todos os gentios espalhados nas diversas partes do globo e como é que em 17 mezes, já quer o *Expectador*, o serviço da conversão dos cordados com bases, methodos e *tutti quanti*?

Não será porque na tira de papel onde se escreve tudo que nos vem a cabeça, facilmente tudo se diz, mas que quasi nada se reduz a pratica?

Para que fugir-se certo desvelo por uma causa, quando todos veem, quando todos percebam que o moel que faz se della occupar é outro mui differente ? ..

Será possível que o myope queira julgar todos por si ?

Si a missão da imprensa é essa que deixou ver o artigo do *Expectador*, é bem triste a sua missão; seria melhor não existir tal imprensa do que existir para tal fim.

Censura o articulista haverem-se apresentado sete indios cobrados da colonia *Therese Christina* a 31 do mez passado em palacio na mais completo estado de nudez, quando em 24 de Dezembro de 1886 a Thesouraria de Fazenda comprara 311 camisas, a 18 de Julho ultimo mais 100, alem de 200 e 200 calças que foram fornecidas pelo arsenal de Guerra à dita colonia e a denominada *Izabel* nas quaes se achão aldeados os mesmos indios.

Quem é que não sabe que o indio de qualquer tribu que seja, no estado de selvageria, só pede e aceita roupa e brindes unicamente para guardar, e que continúa n'um no seu aldeamento e nas suas excursões. ?

Será crível que os actuaes directores estejam lucupletando das roupas e brindes destinados aos selvagens ?

Não acreditamos

Mas em todo o caso quer o articulista do *Expectador* que haja um responsavel pelos effeitos destinados aos brindes e alimentação dos indios, porque sem duvida, no seu judicioso e patriótico conceito—o serviço da catechese é irregular e denota-lhe haver esbanjamento !

« Compre, portanto ao governo estudar e resolver a questão » de modo que sejam nomeados o autor do editorial e o Contador da thesouraria, directores perpetuos das colonias *Izabel* e *Therese Christina*—por isso que elles aliam de escrupulosos são bastante sensatos e intelligentes.

Cuyabá, 27 de Novembro de 1887.

N: *Provincia de Matto Grosso* de 27 do corrente appareceu um snr. Vigilante accusando o Commandante da Policia de ter no seu serviço particular praça de policia, é falsa essa accusação; sitou na referida accusação nomes de homens que na policia não tem, esse ardiloso e velhaco só para isso serve, visto ser o unico trabalho que sabe—o seu ecstume aqui é conhecido comprar, ajustar criada para servir de graça; e quando cobra-lhe paga com cabresto na testa. 30 de Novembro de 1887.

Uma dúzia de ovos no Coxipô.

A *Situação* de 25 de Setembro ultimo, noticiou ter sido chamada a responsabilidade pelo Snr. Capitão João da Costa Teixeira, o editor do *Expectador*.

Como devia, o publico tem esperado pelo resultado do que occorreo sobre a tal chamada do editor a responsabilidade...mas até hoje nada.

Pôde-se, portanto, para que venha á luz o resultado do que se passou, afim de saber-se como terminou a questão.

Cuyabá 28 de Novembro de 1887.

O Curioso.

21 de Novembro de 1887

Funesto dia em que a mão homicida do destino arrebatou de n'os mais uma existencia preciosa.

Funesto dia em que do seio

de uma prôle candida e virtuosa,—tôcada quasi á méia da dôr —o Decreto inexoravel e insubsistente, que outros chamão Divino, distraia um elemento de vida, de esperança e de consolação.

Já não existe entre os vivos o Affonso Urbano José de Arruda Filho, nascido a 19 de Junho de 1860.

Já não existe esse jovem—modelo da obediencia filial, esperançoso cidadão e exemplar amigo.

Victima de uma paralyzia não poudo aproveitar, um instante si quer, os soccorros medicos que com disvelo lhe foram administrados — curvando se sem demora a mão ferrea da morte.

Tao infausto passamento nos impõe o dever de manifestar nestas columnas o mais intimo sentimento, com particularidade a distincta familia do finado.

Um amigo.

ANNUNCIO

**Recentemente
chegados, vende-se á rua 1.
de Marco n.47,
guaraná novo
superior, vinho
do Porto legitimo
e bom, e fumo
da melhor
qualidade.
Ver para crer.**